

BREVE NOTÍCIA SOBRE O ANTIGO LAGAR DOS FRADES EM ATAÍJA DE CIMA (ALCOBAÇA)

Maria do Céu S. Tereno*
Universidade de Évora

INTRODUÇÃO

Nos coutos do Mosteiro de Alcobaça foram instaladas várias estruturas ligadas à produção agrícola e ao desenvolvimento do território, integradas ou não nas granjas, que eram as estruturas de maior expressão com aquela finalidade.

Neste trabalho pretende-se fazer incidir um pouco mais de luz sobre uma estrutura que, no seu tempo, deve ter tido apreciável projecção, o designado lagar dos frades, localizado em Ataija de Cima, e que não estava integrado numa granja.

Além dos elementos identificadores, centramos a atenção nos aspectos arquitectónicos e no estado em que se encontra o edifício, que se afigura ter sido pensado com uma cuidadosa simplicidade.

LOCALIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DO LAGAR

Localização

A povoação da Ataija de Cima, pertencente à freguesia de S. Vicente de Aljubarrota, e ao concelho de Alcobaça, do qual se encontra afastada 14 Km, é onde se situa o lagar objecto deste estudo.

O acesso ao local, partindo de Alcobaça, faz-se pela estrada municipal nº553, conhecida por Antiga Estrada do Lagar dos Frades, transversal à estrada nacional nº1.

Encontra-se a povoação de Ataija de Cima num terreno sensivelmente plano a Oeste da Serra dos Candeeiros, que se oferece como pano de fundo deste edifício (Fig. 1).

Nas vertentes da Serra dos Candeeiros foram mandados plantar olivais para aproveitamento dos terrenos menos férteis¹. Joaquim Vieira Natividade², citando Frei Manuel de Figueiredo, assinala que “ No logar das

¹O abade Fr. Manuel de Mendonça, primo do Marquês de Pombal, trouxe para o Couto de Alcobaça o espírito renovador do Marquês e mandou proceder ao enxugo dos campos de Alfeizerão, Valado dos Frades e Maiorga, e deu também um grande impulso à plantação de grandes olivais, iniciada previamente no século XVII. Joaquim Vieira Natividade, “ As Granjas do Mosteiro de Alcobaça “, Separata do Boletim da Junta da Província da Estremadura, nº5, Lisboa, 1944, p. 49

² Joaquim Vieira Natividade, “ As Culturas - Olivais e Lagares “, *Obras Várias I*, Edição da Comissão Promotora das Cerimónias Comemorativas do I Aniversário da Morte do Prof. J.V.Natividade, Alcobaça, s/d, p. 89.

athaijas estavam muitas terras incultas, no total domínio do Mosteiro e este as doou ao Administrador das rendas destinadas ao Santíssimo Sacramento e o Administrador mandou aí plantar olival e fazer um lagar que aí se conserva”.

Refere ainda, que uma demanda havida entre os frades e os povos da freguesia de S. Vicente, respeitantes aos tributos, e de que havia uma inscrição no Arco da Memória³ “, serviu aos monges de único argumento nessa demanda, foi por muito tempo ignorada devido ao remoto do logar”.⁴

Iria Gonçalves⁵, salienta que a necessidade de proceder à elaboração dos bens fundamentais à subsistência, tais como o pão, o vinho e o azeite, que se fez sentir sempre, tornou indispensável a existência de estruturas de produção adequadas e, por isso, o Mosteiro as disseminou pelas terras dos coutos.

Fez também notar que os lagares de vinho eram em maior número do que os de azeite, não só em consequência das áreas plantadas, mas também porque os lagares de azeite, com apetrechamento mais complexo, eram mais dispendiosos.

A localização do lagar (Fig. 2) próximo da antiga Lagoa Ruiva, devia obedecer aos requisitos exigidos por esta actividade e, segundo J.V.Natividade⁶ “ Na zona serrana os lagares de azeite estão sempre junto a alguma lagoa, porque só aí têm água necessária para os diversos trabalhos...”. Apesar de a energia utilizada ser usualmente a hidráulica⁷, razão que apontava para a construção dos lagares próximo de ribeiras, não se pode excluir a energia animal, que parece ter também sido utilizada no lagar da Ataíja, dadas as características da sua estrutura arquitectónica.

Esta afirmação pode confirmar-se através da descrição de J.V.Natividade, respeitante às dependências deste lagar, que incluíam estábulos de uma certa dimensão⁸.

A referida Lagoa Ruiva, próxima do lagar, foi aterrada e deu lugar a um campo de futebol, que data de 1995⁹.

De antiguidade muito remota, a Ataíja é, segundo Gustavo de Matos Sequeira¹⁰, um local onde foi encontrado um espólio muito significativo da época do neolítico e de épocas posteriores.

Não é fácil estabelecer a etimologia do termo Ataíja. M.V.Natividade¹¹ menciona Ataíja, como proveniente da corrupção do antigo vocábulo *atá-hij*, até aí, relacionada com o ponto de demarcação do grande olival dos frades.

O mesmo autor¹² e Maria Zulmira Marques¹³, indicam que “ Atahija vem designada na doação do Castelo de Leiria sob o nome de Taigiam; também é

³ *Ob. Cit. (2)*, p. 89

⁴ Manuel Vieira Natividade, *Mosteiro e Coutos de Alcobaça*, Alcobaça, 1960, p. 93

⁵ Iria Gonçalves, *O Património do Mosteiro de Alcobaça nos Séculos XIV e XV*, Lisboa, 1989, p. 123

⁶ *Ob. Cit. (2)*, p. 94

⁷ *Ob. Cit. (5)*, p. 125

⁸ *Ob. Cit. (1)*, p. 49

⁹ Trata-se do Estádio pertencente ao Grupo Desportivo e Recreativo Ataijense, “ A Rã”, que o mandou construir e que ficou terminado em 1 de Outubro de 1995.

¹⁰ Gustavo de Matos Sequeira, *Inventário Artístico de Portugal*, Distrito de Leiria, Lisboa, 1955, p.X

¹¹ Manuel Vieira Natividade, *O Mosteiro de Alcobaça (Notas Históricas)*, Coimbra, 1885, p.

31

¹² *Ob. Cit. (4)*, p. 47

referida nas doações de Alcobaça por Taicha “. No Dicionário Chorográfico de Portugal Continental e Insular¹⁴, vem grafado o nome de Ataeija de Cima.

O edifício que vai ser apreciado, situado no extremo Sueste da povoação, foi considerado de interesse público, definido pelo Dec. Lei nº 67/97 de 31 de Dez., que o caracteriza nos seguintes termos¹⁵ : “ Casa do Monge lagareiro, também denominada “ Lagar dos Frades “ , na estrada municipal nº 553, junto à Ataija de Cima (Antiga estrada do Lagar dos Frades), freguesia de S. Vicente de Aljubarrota”.

Plantas do Antigo Lagar

Do conjunto que constituía esta estrutura e que compreendia o lagar, propriamente dito, e a casa do monge lagareiro, já só são visíveis os restos desta casa.

O tempo e a desatenção encarregaram-se de apagar os vestígios do que foi considerado um lagar-modelo, à época da sua construção, que se admite situada no início do século XVIII.

O terreno onde se encontram implantadas as ruínas da casa do monge lagareiro tem forma rectangular e mede cerca de 96 m x 60 m, portanto, com uma área um pouco superior a meio hectare.

O que resta da casa, com planta rectangular, revela que o seu alçado principal, aquele que ainda ostenta o braço de armas do Mosteiro, está orientado a Sudeste (Fig. 3).

No primeiro piso, observam-se, no seu interior, de difícil acesso pelo estado de ruína em que se encontra, três espaços (Fig. 9), sendo o primeiro, no qual se entra pela que deve ter sido a porta da habitação, o de menores dimensões.

Este espaço comunica com os outros dois que completam este piso através de dois vãos, que revelam duas dependências, de dimensões mais amplas, com forma sensivelmente quadrangular. O último destes espaços apresenta a todo o redor da parede, a marca de pias de pedra, que serviam de depósito do azeite.

Julga-se de interesse recordar a descrição feita por J.V.Natividade¹⁶ do estado em que viu na sua infância, este lagar : “ Nesta época constrói o Mosteiro o lagar-modelo da Ataija, hoje em ruína. Ainda o conhecemos , há talvez trinta anos, tal qual o deixaram os monges. Dentro de uma cerca, na vizinhança da Lagoa Ruiva, erguia-se a vasta edificação com ampla alpendrada em cujas paredes se abriam, graciosamente, os nichos do pombal. Oito varas gigantescas, quatro de cada lado, peso contra peso, ocupavam o primeiro compartimento (21,80 m x 11,10 m). Seguiu-se-lhe a casa dos moinhos (35, 50 m x 9,50 m) com as tulhas para a azeitona, numerosas mas de pequenas divisões, em parte embebidas nas grossas

¹³ Maria Zulmira A.F.Marques, *Por Terras dos Antigos Coutos de Alcobaça*, Alcobaça, 1994, p.83

¹⁴ Francisco Cardoso de Azevedo, *Dicionário Chorográfico de Portugal Continental e Insular*, Porto, 1906, p. 96

¹⁵ Decreto Lei nº 67/97 de 31 de Dezembro, I Série.

¹⁶ J.V.Natividade, “ As Granjas do Mosteiro de Alcobaça”, in *Obras Várias II*, Edição da Comissão Promotora das Cerimónias Comemorativas do Aniversário da Morte do Prof. J.V.Natividade, Alcobaça, s/d, p. 70, e *Ob. Cit. (1)*, p. 49

paredes. Os estábulos ocupavam outro compartimento separado. Junto ao lagar, e voltada a nascente, levantava-se a residência do frade-lagareiro, na fachada da qual ainda hoje se vêem as armas do Mosteiro, de curioso desenho. No rés-do-chão deste corpo, guardava-se o azeite em grandes pias de pedra ¹⁷, (Fig.13).

As dependências que dizem respeito ao lagar já não existem, apenas aqui e além se encontra um resto de uma parede, galgas (Fig.20) dispersas próximo do edifício, a atestar que, em tempos, houve ali um lagar ¹⁸.

Não existem igualmente vestígios dos estábulos.

O primeiro piso, já descrito, encontra-se cheio de entulho proveniente da ruína dos pavimentos do piso superior, bem como da ruína de alguns dos telhados.

Todo o conjunto apresenta um lamentável estado de degradação . Não é possível o acesso ao piso superior, de que restam pequenos fragmentos do pavimento, e a escada, que foi de acesso, está parcialmente destruída e coberta de vegetação (Figs. 18 e 19).

A descrição constante do Inventário do Património Arquitectónico da DGEMN¹⁹ dá-nos uma ideia aproximada da distribuição dos espaços naquele piso : “ O 2º piso tem quarto de arrumos separado da cozinha, esta com lareira apoiada em mísulas de aresta em bisel. Seguem-se duas salas, a última das quais tinha inicialmente 2 quartos junto à parede posterior; ao fundo, entrada para a latrina”.

Consegue entrever-se pelos vazios existentes nos pavimentos, uma das divisões, que apresentava já a estrutura do telhado à vista e o interior em avançado estado de degradação (Figs. 21 e 22).

Alçados do Antigo Lagar

O alçado principal, aquele que ostenta as armas do Mosteiro, orientado a Sueste, apresenta três corpos distintos, desenvolvendo-se segundo uma simetria central (Fig. 3 e 8).

O eixo de simetria é definido por um janelão cego (Fig. 4) de dimensões apreciáveis, encimado pelo braço de armas do Mosteiro de Alcobaça (Fig. 5). As cantarias aparentam ser todas em calcário da região.

A marcação dos três corpos do edifício é materializada com pilastras em alvenaria, de cor clara, contrastando com a cor base dos corpos do edifício, de tonalidade rósea bastante acentuada. No corpo central, o mais interessante do conjunto, por apresentar um trabalho mais cuidado das cantarias que molduram as janelas, encontramos, dispostos simetricamente

¹⁷ De acordo com informação inserta na obra de Bernardo Villa Nova, *Breve História de Alcobaça*, Reedição de *Antes dos Frades e de Épocas e Factos de Alcobaça*, Alcobaça, 1995, p.110, J.V.Natividade nasceu em 1899, e lembra-se de ter visto o lagar ainda como tinha sido em tempo dos frades. Podemos inferir que este facto tenha ocorrido na primeira década do século XX. Passados trinta anos, quando descreve o local, assinala que este já se encontra em ruínas.

¹⁸ Cremos que este lagar deve ter continuado a servir as populações do local, porque se tal não tivesse acontecido, dado a exclaustração das ordens religiosas ter ocorrido em 1834, certamente não se teria mantido em tão boas condições, pelo menos até à primeira década do Séc.XX, tal como foi mencionado por J.V.Natividade.

¹⁹ Inventário do Património Arquitectónico - DGEMN (Direcção Geral Dos Monumentos Nacionais), Casa do Monge Lagareiro/ Lagar dos Frades.

no primeiro piso, duas janelas rectangulares horizontais, com gradeamento em ferro, e cantaria simples de calcário.

Alinhadas com estas janelas encontramos no piso superior duas janelas de desenho cuidado, com frontões de lanços e moldura recortada (Fig.6), trabalho de cantaria que nos fez recordar outras janelas, que supomos da mesma época, encontradas na Granja do Bárrio²⁰.

A cantaria dos vãos rectangulares do piso superior apresenta trabalho decorativo, sendo simples as molduras dos óculos (Fig. 7). O corpo que se situa do lado direito deste alçado apresenta o vão referido emparedado e encontra-se parcialmente em ruínas. Adjacente a ele deve ter-se situado outra dependência do edifício, como ainda se pode observar por restos de parede aí existentes, e que também se pode ver numa fotografia antiga (Figs. 23 e 24) inserta em obra citada²¹, onde se pode verificar que o estado de ruína não era ainda tão pronunciado como actualmente.

O alçado orientado a Sudoeste (Figs.10 e 16), apresenta um corpo lateral, em que se abre um vão em arco pleno, de alvenaria de tijolo, que foi parcialmente fechado pela parte interior com uma verga recta de cantaria, toscamente aparelhada, dando origem a uma porta (Fig.17), ladeada por grandes pedras de calcário. Este alçado encontra-se em muito mau estado de conservação e a porta está parcialmente obstruída com entulho, dificultando o acesso ao interior.

Orientada a Noroeste encontra-se a marcação dos degraus da escada que dá acesso ao piso superior, que, como foi referido anteriormente se encontra muito destruída (Fig. 19).

O alçado posterior da residência do monge lagareiro (Fig. 12), encontra-se em avançado estado de degradação, vendo-se, no entanto, na empena, a marcação de dois níveis diferentes das duas águas dos telhados pré-existentes (Figs. 12, 13 e 15). Era possivelmente neste local que entroncava o antigo lagar, e a atestá-lo ainda se nota a localização dos prumos que amparavam o “ coice ” das quatro varas que aí se fixavam, de acordo com a descrição de J.V.Natividade²².

O alçado Nordeste (Figs. 11 e 14) está totalmente arruinado, não sendo possível conjecturar qual teria sido a sua forma.

Materiais Construtivos

Os materiais empregues neste edifício, são as alvenarias de pedra, que se encontram em todas as paredes do conjunto. As paredes interiores que dividiam os espaços eram constituídas por prumos e barrotes de travejamento, sendo o interior preenchido com uma argamassa constituída por argila, cal, cortiça e azeite, permitindo deste modo obter uma estrutura leve e um bom isolamento térmico, quer no inverno quer no verão. As cantarias de revestimento de portas e janelas são de calcário da região.

²⁰ Maria do Céu S. Tereno, “ Arquitectura das Granjas Cistercienses do Couto de Alcobaça - A Granja do Bárrio “, Trabalho ultimado em 1999. É assinalável a semelhança do trabalho efectuado nas cantarias de algumas das janelas da Granja do Bárrio, o que nos faz supor que sejam de construção coeva das existentes no lagar dos frades.

²¹ *Ob. Cit. (8)*, p. 49

²² *Ob. Cit. (8)*, p. 70

Os pavimentos assentam em vigas de madeira de dimensões assinaláveis, sendo revestidos, no piso superior, com tabuado de madeira. No piso térreo dado que se destinava a armazenamento de azeite e estruturas de apoio à sua produção, supõe-se que o pavimento teria sido em terra batida.

CONCLUSÃO

Como foi referido anteriormente, trata-se de um imóvel classificado como de interesse público, infelizmente um pouco tarde, dado que muito do que existia se encontra em ruínas, e muito desapareceu já, não permitindo ter deste lagar uma ideia muito precisa.

Podemos certamente imaginar como teria sido, principalmente através da descrição de J.V.Natividade. Resta-nos a esperança de que do reconhecimento do edifício como tendo interesse público, resulte a sua recuperação e o aproveitamento da memória do que foram as estruturas produtivas realizadas pelos monges cistercienses.

* Professora Auxiliar do Departamento de Planeamento Biofísico e Paisagístico

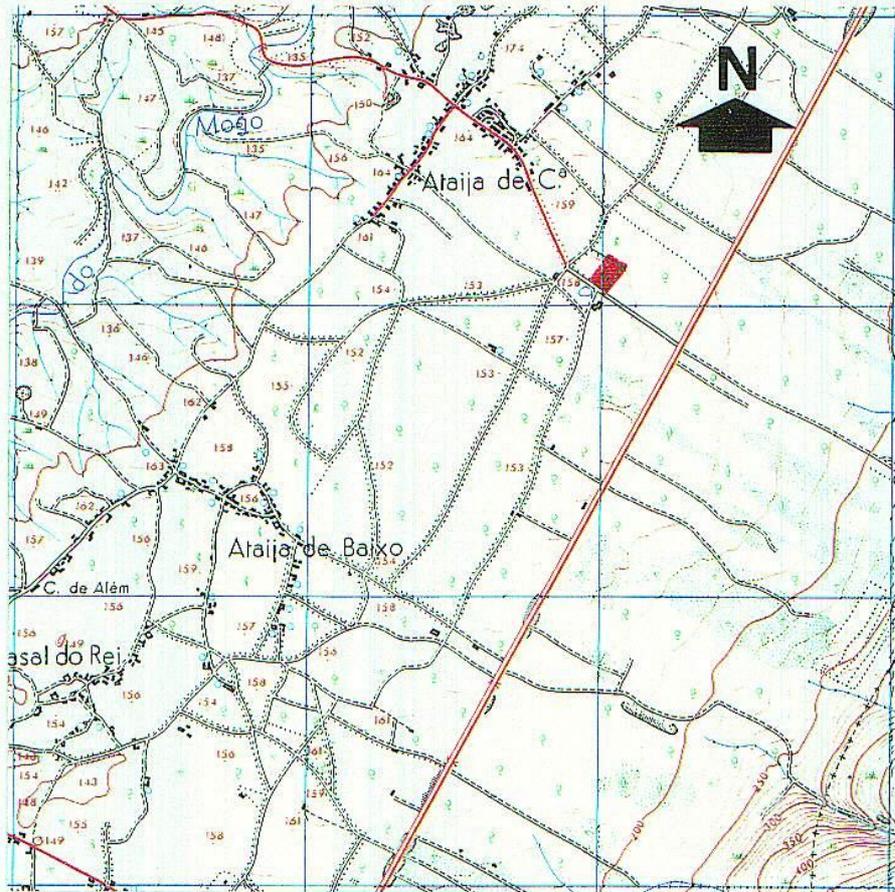


Fig.1 - Planta de Localização da Ataija de Cima, escala 1/25.000.

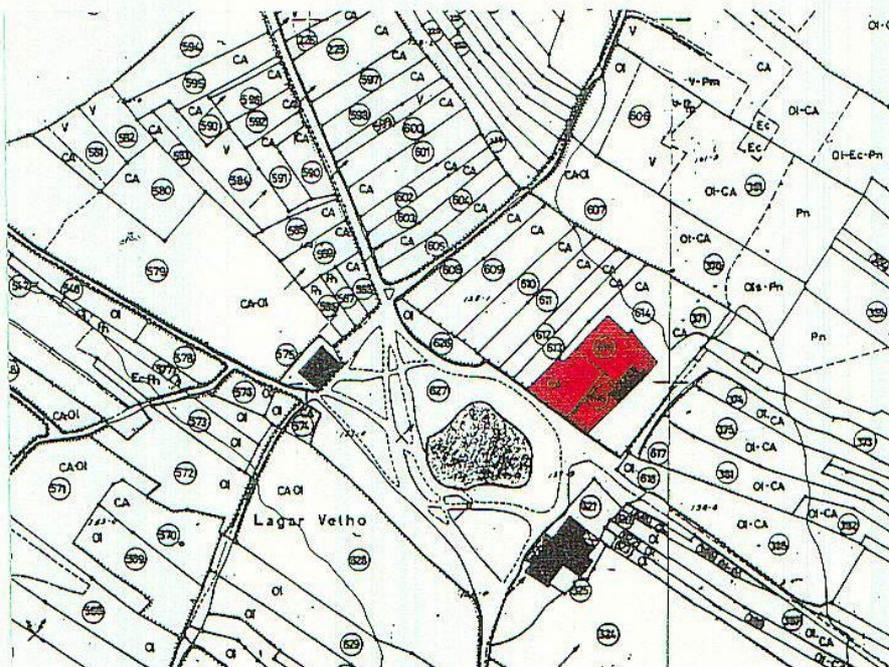


Fig.2 - Planta de localização do Antigo Lagar dos Frades, escala 1/4000.



Fig.3 - Antigo Lagar dos Frades, Alçado Principal/ Sudeste



Fig.4 - Antigo Lagar dos Frades, Pormenor do janelão cego.

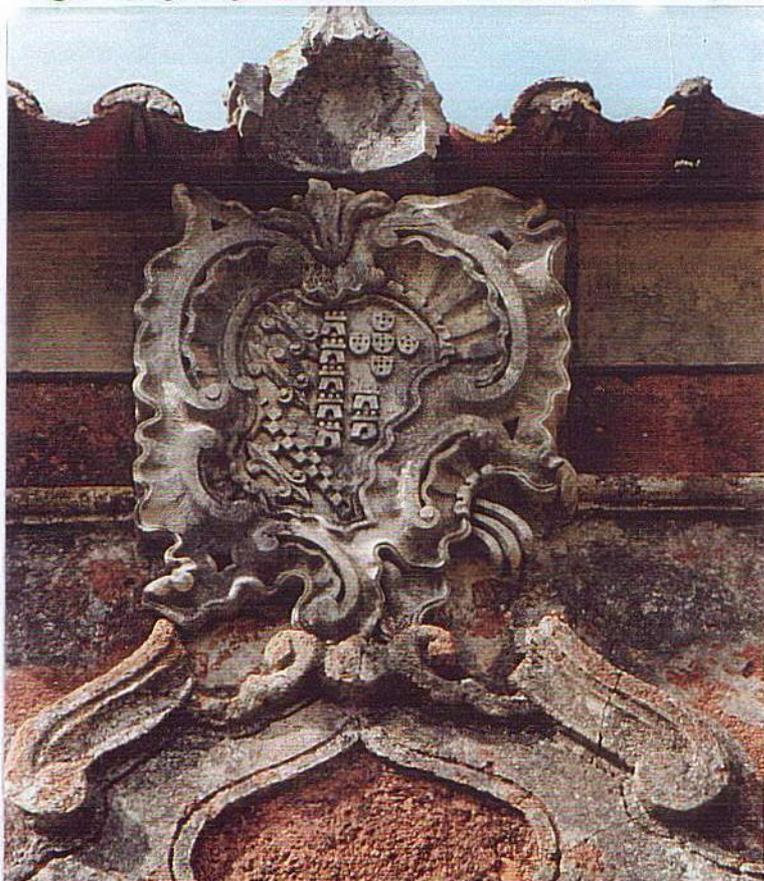




Fig.6 - Antigo Lagar dos Frades, Janelas do Alçado Principal.



Fig.7 - Antigo Lagar dos Frades, Janela do corpo lateral esquerdo do alçado principal.

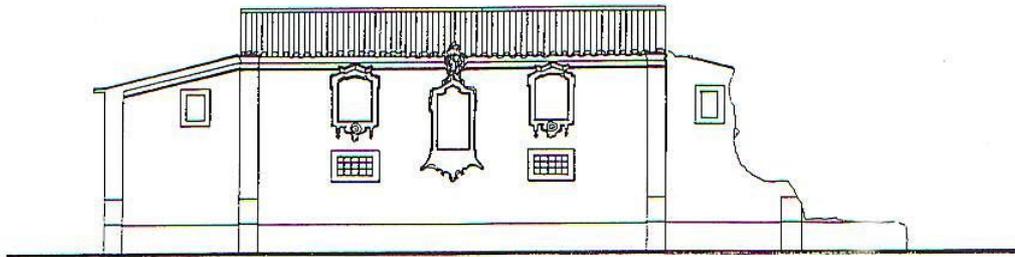


Fig.8 - Antigo Lagar dos Frades, Desenho do alçado Sudeste, escala 1/200.

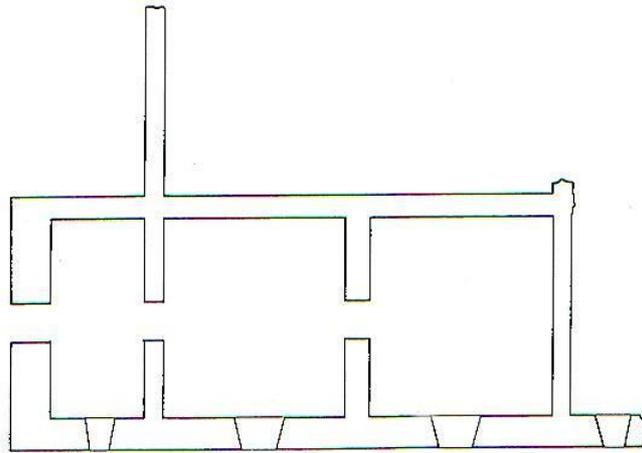


Fig.9 - Antigo Lagar dos Frades, Desenho da planta do primeiro piso, escala 1/200.

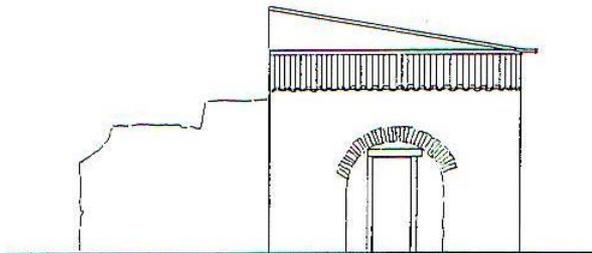


Fig.10 - Antigo Lagar dos Frades, Desenho do alçado Sudoeste, escala 1/200.

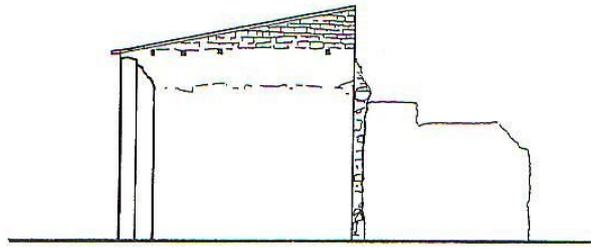


Fig.11 - Antigo Lagar dos Frades, Desenho do alçado Nordeste, escala 1/200.

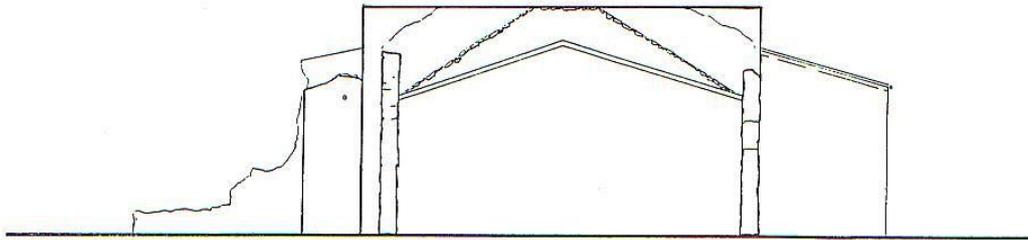


Fig.12 - Antigo Lagar dos Frades, Desenho do alçado Noroeste, escala 1/200.

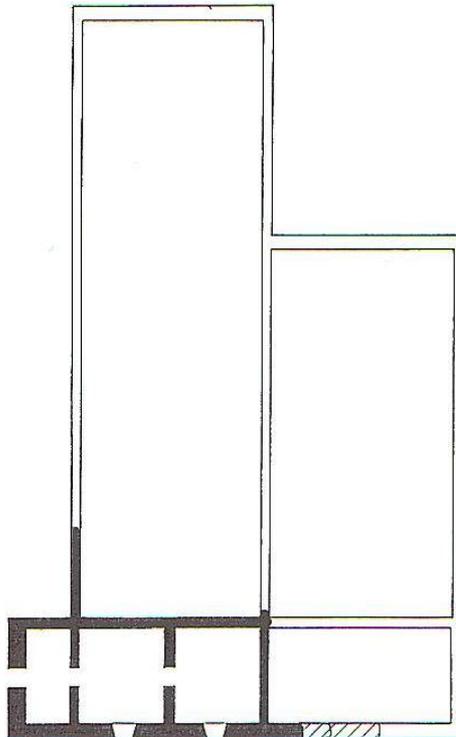


Fig.13 - Antigo Lagar dos Frades, Possível reconstituição da planta do piso térreo do antigo lagar, escala 1/400, com base na descrição de J.V.Natividade *Ob. Cit.*.



Fig.14 - Antigo Lagar dos Frades, Alçado Nordeste.



Fig.15 - Antigo Lagar dos Frades, Alçados Nordeste e Noroeste.

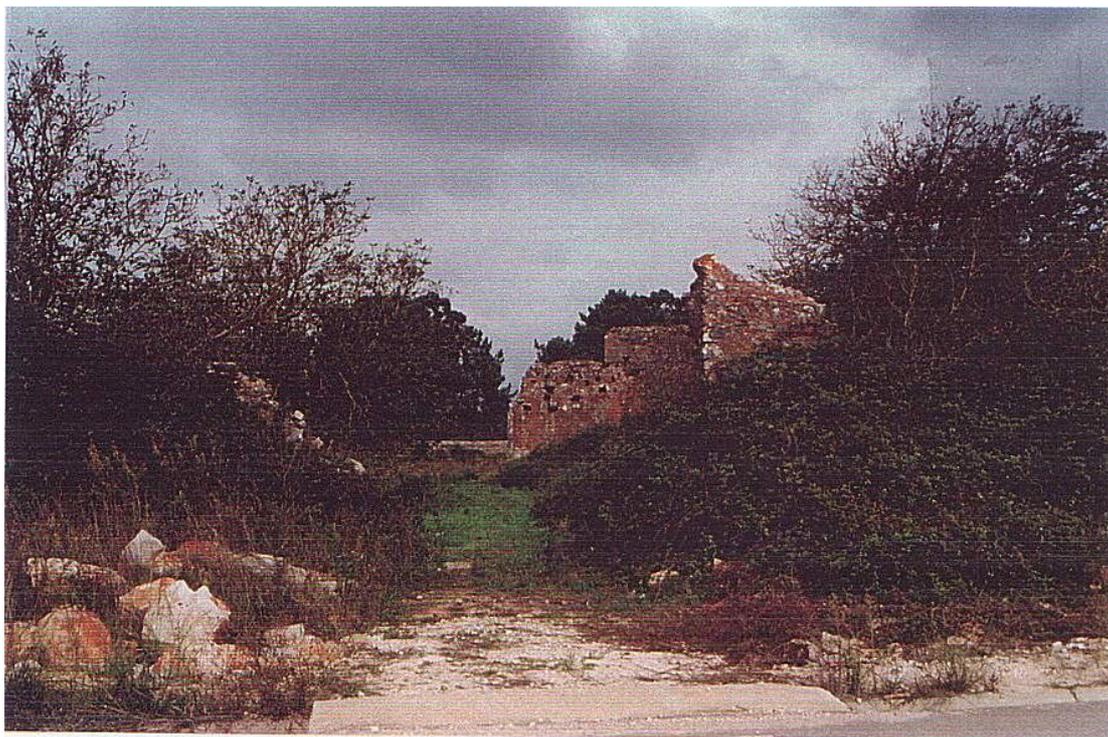


Fig.16 - Antigo Lagar dos Frades, Alçada Sudoeste.



Fig.17 - Antigo Lagar dos Frades, Porta de acesso ao piso térreo.



Fig.18 - Antigo Lagar dos Frades, Acesso ao primeiro piso.



Fig.19 - Antigo Lagar dos Frades, Escada de acesso ao primeiro piso.



Fig. 20 - Antigo Lagar dos Frades, Algumas galgas do antigo lagar.



Fig. 21 - Antigo Lagar dos Frades, Aspecto do interior.

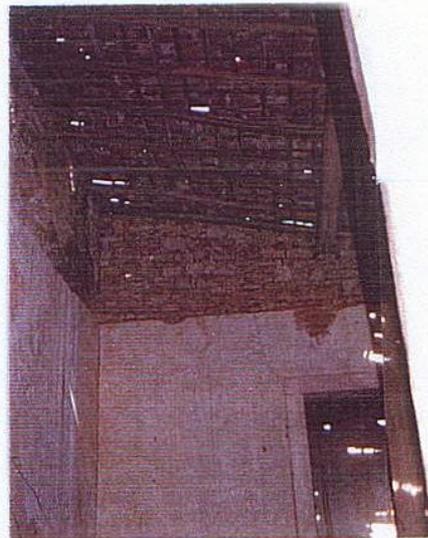


Fig.22 - Antigo Lagar dos Frades, Aspecto do interior do primeiro piso.



Fig.23 - Antigo Lagar dos Frades, Fotografia do conjunto do lagar, mostrando a ainda a Lagoa Ruiva.

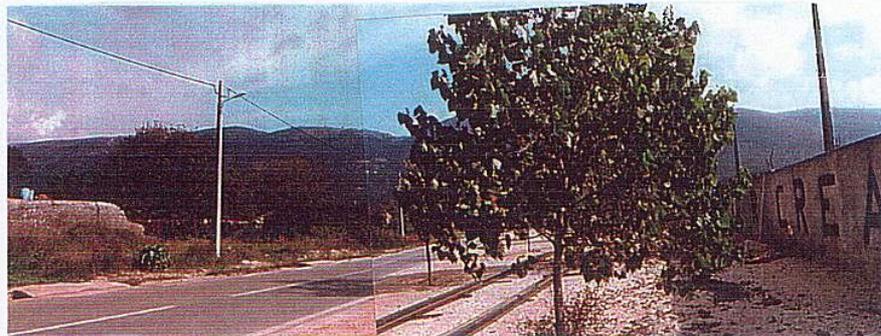


Fig.24 - Antigo Lagar dos Frades, Fotografia tirado no mesmo local, mostrando o campo de futebol.